

PRIMEIRA PARTE

JESUS-SERVO DE DEUS NA TEOLOGIA BÍBLICA

2. Teologia do Servo de Deus no Dêutero-Isaías

2.1. Introdução

Este capítulo se constitui em três dimensões: a eleição, a missão e o destino¹⁴ tendo este como uma realidade pascal de rebaixamento e exaltação do Servo de Deus¹⁵. Analisar-se-á cada um desses aspectos individualmente e como estão inter-relacionados entre si. Tentar-se-á manter como fio condutor deste capítulo, bem como de toda a pesquisa, estas três dimensões do Servo de Deus no livro do Dêutero-Isaías. Trata-se de compreender a Teologia do Servo de Deus e como esta pode ser aplicada a Jesus e, em se aplicando a Ele, torná-la um ponto de interseção entre as Cristologias descendentes e ascendentes de Jesus na tentativa de superar a dicotomia existente entre ambas.

O Servo de Deus é eleito, escolhido, chamado, apresentado pelo próprio Deus ao seu povo para ser uma presença sua no meio deste: “Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o direito às nações” (Is 42, 1). Uma presença transformadora pela missão primordial de reunir os dispersos de Israel naquela época no exílio babilônico, ser uma esperança de libertação e retorno à sua terra natal e, por fim, ser “luz das nações”. A missão do eleito tem como destino histórico a perseguições até as extremas consequências tais sejam o sofrimento e dor assim como a morte. Este destino histórico do sofrimento e até morte de um servo “Justo Sofredor¹⁶” não é por causa de suas fragilidades nem seus pecados, mas por solidariedade com a dor do outro e o sofrimento alheio¹⁷. Por isso, observa-se a solidariedade como a energia amorosa, de exaltação, porque vencedor é o seu ato de doação gratuita. O

¹⁴ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo, op. cit.*, p. 274.

¹⁵ Id. *O Princípio Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 83-95. É o capítulo 4: “Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé”, em memória de Inácio Ellacuría, o qual cunhou o termo. Na página 87: “É preciso ler os cantos do Servo de Javé, com o texto na mão e os olhos fitos nos povos crucificados”.

¹⁶ SCHERER, O. P. “*Justo sofredor*”. São Paulo: Loyola, 1995, p. 33ss. O primeiro capítulo trata da teologia do servo nos escritos vétero-testamentários, principalmente, o Dêutero-Isaías bem como na literatura extrabíblica e apócrifa. O segundo aplica a Jesus esse título de “justo sofredor”. O terceiro da exaltação de Jesus como sua ressurreição e o quarto trata do seguimento de Jesus como justo sofredor e exaltado.

¹⁷ MOLTMANN, J. *O Caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993. Capítulo IV: Os sofrimentos apocalípticos de Cristo. Em 2009, esta obra foi impressa pela editora Academia Cristã, em São Paulo. METZ, J. B. Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização. In: GIBELLINI, R. (Org.). *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida-SP: Santuário, 2005, p. 353-364.

Servo de Deus em Isaías vencerá, será vitorioso pela sua ação de amor solidário em plenitude (Is 53, 1-12).

Portanto, este primeiro capítulo fará um estudo sobre a Teologia do Servo de Deus. É mister tentar compreender as raízes, as motivações e projeções que orientem para o conhecimento racional de Jesus na experiência neotestamentária e no cristianismo atual formando a Cristologia do seu seguimento superando as dicotomias entre as cristologias descendentes e ascendentes para se chegar a uma prática não esquizofrênica do seguimento de Jesus.

2.2. Eleição do Servo de Deus

Nos quatro poemas de Isaías aparece a ideia de eleição do Servo de Deus, explícita ou implicitamente. Assim, percebe-se explicitamente no primeiro poema: “O meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele meu espírito” (Is 42, 1). Os dois termos se correlacionam: meu escolhido e possuir o espírito de Deus para uma missão. Neste versículo, por intermédio dessas duas expressões, o autor aspira manifestar o ofício do Servo como eleição divina¹⁸. O Dêutero-Isaías expressa a mesma noção de eleição ou escolhido: “Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão, te modelei, eu te constitui como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42, 6).

Destarte, forma-se um esquema perfeito da eleição do Servo para construir a Aliança de Deus com seu povo. Evocam tanto a ação de Deus desde o livro do Gênesis nas suas duas tradições sobre a criação¹⁹ e a libertação da escravidão do Egito (Ex 3,4) quanto à vocação de vários profetas desde Abraão até o exílio e, de forma especial, Jeremias (Jr 1, 4ss). Neste está clarividente ser os mesmos termos usados para a eleição do Servo de Deus em Isaías também os da vocação de Jeremias²⁰. Isso valida a hipótese de muitos estudiosos segundo a qual o Dêutero-

¹⁸ SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I, op. cit.*, p. 295.

¹⁹ Note-se a criação no Gn 1-2: A ação de Deus se avizinha dos verbos: chamar, tomar e formar, expressando a mesma realidade, em Gn 2,7: “Então, Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida, e o homem se tornou um ser vivente”. Em Gn 2,15: “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no Jardim do Éden para cultivá-lo e o guardar”. Em Gn 2,21-22: “Tomou uma de suas costelas [...] Iahweh Deus modelou uma mulher [...]”.

²⁰ Veja-se a mesma ideia de eleição tanto do Servo em Isaías quanto em Jeremias. Neste, Deus o chama antes de ser gerado no ventre de sua mãe. Deus o constitui, consagra, nomeia e envia para ser profeta. O mesmo se pode dizer com a eleição do Servo de Deus.

Isaías propõe uma releitura ou um ressurgimento de um novo Jeremias²¹. No segundo poema do Servo de Deus, clareia-se com mais vigor a vocação do Servo e se percebe uma semelhança muito grande com o estilo literário jeremiano. Em quatro versículos se escreve a forma da escolha. O próprio Servo fala a respeito:

Desde o seio materno Iahweh me chamou, desde o ventre de minha pronunciou o meu nome (Is 49, 1b). Mas agora disse Iahweh, aquele que me modelou desde o ventre materno para ser seu servo (Is 49, 5). Assim diz Iahweh, o redentor, o Santo de Israel, [...] reis o verão e se erguerão, príncipes o verão e se prostrarão, por causa de Iahweh, que é fiel, do Santo de Israel, que te escolheu (Is 49, 7). [...] No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e pus por aliança do povo a fim de restaurar terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas (Is 49, 8).

Conforme o texto, quando o Servo ainda estava no ventre materno, Iahweh o chamou. Os verbos são por demais significativos para falar da escolha do Servo pelo Santo de Israel. E ainda mais em Is 49, 8; assevera-se ser o Iahweh quem o defende, auxilia-o e o constitui como Aliança do povo. Indubitavelmente, é uma vocação profética e com horizonte universal porque fala de reis e príncipes da Terra que o verão e se levantarão para prestar-lhe homenagem²².

A missão profética pode ser compreendida pela imagem da boca como uma espada cortante (Is 49, 2). O profeta é homem da palavra e com esta é coerente a sua vida, pois ela converte antes o próprio profeta. Esse chamado profético pode entender-se como a escolha das demais vocações proféticas tendo como objetivo primeiro a pregação para defender o nacionalismo em Israel e, ao mesmo tempo, postular o surgimento de uma dimensão universal da Aliança para o próprio Israel entrar em intercâmbio com outras nações. Nasceu, assim, a consciência de ser “luz das nações²³”.

No terceiro poema há uma clara alusão ao Servo como discípulo e profeta: “o Senhor Iahweh me deu uma língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto” (Is 50,4). O Servo neste cântico é uma personagem anônima e possui a vocação profética de ser portador da palavra²⁴.

²¹ RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. V.2. São Paulo: ASTE, 1974, p. 243.

²² SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I, op. cit.*, p. 324.

²³ Cf.: Is 49, 6; 42, 6; 51, 5.

²⁴ SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I, op. cit.*, p. 329.

Apresenta-se como alguém maturado contando sua experiência do chamado profético e sua difícil e perseguida missão. Alguém participante ativamente do discipulado divino ao relatar sua vocação, seu sofrimento na missão, daí os verbos estarem no passado. Percebe-se que, na escola desse discipulado, o Servo se entrega plenamente para ser modelado como profeta com língua de discípulo e ouvidos abertos a escutar atentamente a voz de Deus e cumprir os seus desígnios. Ele está na escola dos profetas e se insere na tradição de Israel de ser um povo da escuta: “ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh” (Dt 6, 4).

O quarto cântico do Servo se inicia de forma semelhante ao primeiro. O Servo não fala, é homem do silêncio e curtido na dor (Is 53, 3.7). Não há mais necessidade de falar, pois seu próprio gesto de entrega plena já fala por si. É a comunicação do martírio. Em todo o corpo do texto alguém descreve o sofrimento solidário do Servo e sua morte vicária pelos pecadores. Deus mesmo o apresenta: “eis que meu Servo prosperará” (Is 52,13). No gesto de apresentação, igualmente se registra sua eleição por parte de Deus. Há mais uma menção implícita sobre a eleição do Servo neste canto quando se diz: “cresceu diante dele como um renovo, como raiz em terra árida” (Is 53, 2).

Na forma descrita pelo autor bíblico, esta imagem do renovo como raiz de um vegetal em terra seca é espetacular! Mesmo sendo seus antepassados anônimos, sejam eles reis ou profetas, sacerdotes ou sábios, o Servo é alguém da parte de Deus. Comenta Schökel que no texto hebraico pode-se ouvir uma disfarçada alusão a Deus ou a alguém com aprovação divina e, por ser divino, a terra mal pode alimentá-lo e suportá-lo²⁵, por causa de sua grandeza sublime, sua Glória²⁶ transcendente se torna imanente na Terra.

2.3. Missão do Servo de Deus

Deus é misericordioso com seu povo concedendo-lhe, antes de tudo libertação (Ex 3, 7ss) e, para tornar esta libertação contínua, estabelece a Aliança justa porque Iahweh é o Deus de Justiça também (Ex 19-20). E o povo, ao viver de forma esponsal essa Lei, também está vivendo a justiça entre si e sendo justo com Iahweh para ser um povo livre da escravidão, vivendo a fraternidade no seu

²⁵ Ibid., p. 341.

²⁶ BORN, A. et al. (Org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 637ss.

interior pela solidariedade de seus membros num projeto de comunidade igualitária²⁷. Mas é salutar asseverar ser esta Justiça fruto da misericórdia de Iahweh para com seu povo (Ex 3, 7ss). Ele é misericordioso e justo ao mesmo tempo, pois usa sua misericórdia e justiça para defender os pobres e os oprimidos. Assim, Iahweh é o *Go'el*, defensor e padrinho do povo de Deus²⁸. Iahweh como o *Go'El* libertará os oprimidos, abrindo os olhos dos cegos, tirando os cativos da prisão e trazendo a luz aos habitantes nas trevas (Is 42, 7). Misericórdia e justiça são dimensões no Servo de Iahweh, as quais não se dissociam, mas se complementam. Contudo, é bom estabelecer como tese, a misericórdia do Servo é princípio primeiro e a justiça princípio segundo; isto é, sua consequência.

A missão do Servo se evidencia em dois aspectos quando Deus lhe fala. O primeiro é sua eleição para restaurar a Aliança de Deus com seu povo por meio do direito e da justiça²⁹. O segundo é de ser “luz como das nações” (Is 42, 6b), rasgando novos horizontes de diálogo para instaurar a universalidade em Israel. No Antigo Testamento, justiça é o cumprimento da Aliança na qual se estabelecem os desígnios de Deus. A partir dessa aliança acontece o surgimento da Torá (Lei de Deus), a qual vem colocar em evidência e manter a fidelidade e sua perpetuidade na história. Aliança como evento é acontecimento primeiro e aliança como código de lei é acontecimento segundo, embora não se separem³⁰. Mediante o cumprimento do código da aliança estabelece-se o fundamento da relação pactual entre Iahweh e seu povo³¹. Em se tratando de Lei de Deus, tida como um dado revelado e, portanto, Justiça de Deus, sempre foi um conceito amplo e complexo em toda a história da aliança, desde os primórdios até Jesus. Esta complexidade aumenta com a caminhada do cristianismo com suas Igrejas quando o processo de evangelizar teve intercâmbios culturais de sistemas de leis como nas situações das culturas gregas e romanas. Justiça no cristianismo é fruto

²⁷ MESTERS, C. *O projeto de Deus*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 22-35. Idem: *Os dez mandamentos: Ferramenta da comunidade*. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

²⁸ BLANK, R. J. *Deus na História*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 76; 140ss.

²⁹ DUFOUR, X. L. (Org.). *Vocabulário de Teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 637ss.

³⁰ MESTERS, C. *Flor sem defesa*. Petrópolis: Vozes, 1983. 11ss. O primeiro capítulo cuida em falar como nasceu a Bíblia para manter a memória do acontecimento entre Deus e seu povo. A Bíblia não caiu pronta do céu. Primeiro foi um acontecimento histórico em Deus e seu povo, por isso, diz-se Aliança. Um acontecimento interpretado pelo povo e os escritores bíblicos, narrado oralmente de geração em geração e, posteriormente, foi escrito para se perpetuar a memória histórica dessa Aliança.

³¹ CRÜSEMANN, F. *A Torá*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 159ss.

de um “caldo cultural” de um longo processo histórico³².

Portanto, a missão do Servo é além de restaurar a Aliança de Deus com seu povo, ser “luz como das nações” (Is 42, 6b). Ser luz das nações é a grande missão do Servo. Restaurar a Aliança não seria tão difícil, pois era a esperança do povo, o qual ainda a possuía como uma mecha fumegante (Is 42, 3). A missão de restaurar a Aliança passa por vários fatores destacados a seguir.

2.3.1. Reunir os filhos dispersos de Israel

Constituía a primeira parte da missão do Servo quando no poema se afirma: “Sim, ele disse: ‘Pouca coisa é que tu sejas o meu servo para restaurar as tribos de Jacó e reconduzir os sobreviventes de Israel’” (Is 49, 6). O povo vivia uma grande crise no tempo do exílio babilônico. Todos os referenciais de um povo lhes foram tirado e, conseqüentemente, a identidade estava esfacelada³³. O poema retrata quando afirma: “No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e te pus por aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas, a fim de dizer aos cativos: ‘Saí’, aos que estão nas trevas: ‘Aparecei’” (Is 49,8).

Os verbos expressam esta realidade dilacerada do povo e a missão do Servo de restaurar tudo quanto humanamente não havia saída. Numa forma de esperança, o discurso do Servo no terceiro poema também ressalta: “Iahweh consolou Sião, consolou todas as suas ruínas; ele transformará seu deserto em Éden e suas estepes em paraíso de Iahweh. Nela se encontrarão gozo e alegria, cânticos de ações de graças e som de música” (Is 51, 3). Os verbos mostram imagens de desolação, de um povo disperso e destroçado, ao mesmo tempo, dando esperança de restaurar as tribos dispersas quase sem nenhum elo.

2.3.2. Despertar a esperança do povo

Fazer acordos e costurar alianças entre pessoas e grupos, reunindo o

³² HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário... op. cit.*, p. 1262ss;1604ss. FUCK, I. Justiça. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. (Dir.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida-SP: Santuário, 1994, p. 519-537.

³³ WIÉNER, C. *O Dêutero-Isaías*. São Paulo: Paulus, 1980, p. 11.

“resto” como o ceifeiro reúne as espigas no campo (Is 17, 5). Algo de perplexidade subsiste na expressão converter os sobreviventes de Israel (Is 49, 6). Significa que Israel havia abandonado e perdido a fé em Deus? Realmente a crise foi tão grande a ponto de o povo quase ter perdido o sentido da Aliança e não acreditar mais em Deus, capaz de refazê-la para manter-se na mesma unidade e fé³⁴, até porque, depois de quase meio século, gerações nascidas no exílio poderiam ter outras influências religiosas, pois querendo ou não, eles haviam se misturado com outros costumes religiosos, como aqueles dos babilônicos. O silêncio de Deus havia sido por um tempo grande demais para se crer estar Ele ainda com seu povo. Era patente na consciência do povo: a Aliança começada com os antepassados e celebrada tantas vezes, estava quebrada. Entretanto, um fio de esperança resistia como demonstram as perguntas:

O Senhor rejeitará para sempre? Nunca mais será favorável? Seu amor esgotou-se para sempre? Terminou a Palavra para gerações de gerações? Deus esqueceu-se de ter piedade ou fechou as entranhas com ira? E digo: “este é o meu mal: a direita do Altíssimo mudou!” Lembro-me das façanhas de Iahweh, recordo tua maravilha de outrora, fico meditando toda a tua obra, meditando em tuas façanhas. (Sl 77(76), 8-13).

Iahweh Deus da fidelidade na Aliança estava como que ausente na vida e na história do povo³⁵ e porque não se dizer como forma pedagógica. O canto dos exilados demonstra uma saudade inerente não só ao ser humano bem como ao povo habitando no exílio. A ausência da terra natal causou-lhe saudades, choros, cantares: “À beira dos canais de Babilônia nos sentamos, e choramos com saudades de Sião; nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas” (Sl 137(136), 1-2). Esta “saudade”, em si mesmo, desperta esperança de retorno à Pátria. Uma saudade histórica, coletiva, desperta grande esperança histórica de libertação do exílio. Neste contexto, surge o Servo com a sua pregação profética. E de forma estratégica se dirige inicialmente aos versados da lei de Israel e, posteriormente, ao povo no discurso do terceiro cântico: “Ouvi-me, vós, que estais à procura da justiça, vós que buscais a Iahweh” (Is 51, 1). E no mesmo desenrolar do discurso profético: “Ouvi-me, vós que conheceis a justiça, povo que tens a

³⁴ Ibid., p. 11.

³⁵ Ibid., p. 18.

minha lei no coração” (Is 51, 7). Esta é uma missão interna ao povo de Israel que o Servo precisa fazer para restaurar a Aliança com Deus. Neste aspecto o Servo tem a missão de implantar internamente em Israel duas realidades, quais sejam o direito e a justiça. Estes são essenciais para recuperar a Aliança. Mas Israel necessita não só de reconstruir a unidade nacional, bem como se tornar uma nação para dialogar com o mundo. Ser universal, contudo, não significaria impor a todas as outras nações vizinhas uma conversão ao sistema político-religioso israelita, mas iluminar pela fé testemunhal os gentios e estes, uma vez olhando para Israel, pudessem vê-lo como uma nova luz na história³⁶, irradiando o direito e a justiça divinos, sendo sinal universal de um povo fiel a Iahweh.

Desta forma, a missão tem uma dimensão presente quando ao se falar do Servo restabelecendo a Aliança, bem como uma dimensão de futuro histórica e escatológica, conquanto mediada pelo profeta anônimo em Israel: “Chegai-vos a mim e ouvi isto: desde o princípio não vos falei às escondidas, quando estas coisas aconteceram, eu estava lá, e agora o Senhor Iahweh me enviou com o seu espírito” (Is 48, 16). O Servo se apresenta como um novo mediador desta Nova Aliança assim como Moisés o foi anteriormente lá no êxodo. A missão de ser luz das nações se patenteia no livro Trito-Isaías, a partir do capítulo sessenta, quando apresenta uma “luz resplendente e perpétua” na nova Jerusalém (Is 60, 1.19). Nenhuma sombra ou trevas ou noite e até mesmo o “dia” a suplantarão. O povo ao escutar o Servo viverá a sua vocação de ouvinte de Deus: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh” (Dt 6, 4). O Servo ao falar será o eleito e estará exercendo sua missão de profeta:

De minha boca fez uma espada cortante, abrigou-me na sombra de sua mão; fez de mim seta afiada, escondeu-me na sua aljava (Is 49,2). O Senhor Iahweh me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto (Is 50, 4). Ouvi-me, vós que procurais a justiça, vós, que buscai a Iahweh. Olhai para a rocha da qual fostes talhados, para a cova de que fostes extraídos (Is 51, 1-2). Ouvi-me, vós que conheceis a justiça, povo que tens a minha lei no coração (Is 51, 7). Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: “O teu Deus reina”. Eis a voz das tuas sentinelas; ei-las que levantam a voz, juntas lançam gritos de alegria, porque com os seus próprios olhos veem Iahweh que volta a Sião (Is 52, 7-8).

³⁶ SCHÖKEL, A. L.; DIAZ, J. L. *S.Profetas I, op. cit.*, p. 296. Cf.: Is 60,1-3. Na nova Jerusalém haverá uma luz resplandecente, a glória do Senhor, à qual todos os povos acorrem.

Este texto em destaque formado por versículos de quatro capítulos mostra a concatenação da vocação, missão e destino do profeta. Os verbos e as imagens patenteiam essas três dimensões. Fazer da boca espada cortante de Deus é uma bela imagem da voz do profeta anunciando a Palavra de Iahweh como flecha polida para os corações dos exilados. A proteção da parte divina para o Servo é garantida com a força escolhedora, acolhedora e protetora da sombra de sua mão. A justiça e o direito de Iahweh estão assegurados por ser tanto o profeta quanto o povo, provindos do seu amor misericordioso. Isso se comprova pelas imagens da rocha e da pedreira, das quais foram talhados. O destino está posto pela proclamação da boa-nova da salvação.

2.3.3. Ser como luz das nações

“Algo de novo³⁷” estava para acontecer como atesta o texto: “As primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas; antes que elas surjam, eu vo-las anuncio” (Is 42, 9). O tema da “luz” está ligado ao da esperança de uma realidade nova, a qual está surgindo. Esta realidade nova em Israel provém da “maternidade de Iahweh”, o qual está prestes a dar a luz³⁸! A imagem da parturiente demonstra Iahweh agindo com sua misericórdia como o fez no êxodo no tempo da escravidão do Egito (Ex 3, 7ss). Não somente um tempo novo, mas a realidade total. Uma nova criação pela ação de Iahweh para dar a luz pelo novo êxodo³⁹ (Is 43, 16-21) tanto do retorno do povo à sua terra como por uma realidade nova no Espírito como prega esperançosamente Ezequiel (Ez 37).

Faz parte dessa realidade nova, ser “como luz das nações⁴⁰”. A luz foi plantada como semente no exílio, desenvolvida e fortalecida no posterior ao exílio no terceiro livro de Isaías (56-66). Por ser uma teologia desenvolvida no pós-exílio possui pelo menos dois aspectos a serem destacados: O primeiro é o renascimento de Israel feito nova criação em Deus e precisa manter sua identidade como um povo para manter sua aliança com Iahweh e entre si. Para isso, é necessário restaurar os símbolos essenciais de sua identidade como a reconstrução

³⁷ BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 426.

³⁸ *Ibid.*, p. 426.

³⁹ *Ibid.*, p. 427.

⁴⁰ Cf.: Is 42, 6; 49, 6; 51, 4; 53, 11: É interessante notar que os quatro cânticos do Servo de Iahweh falam desta dimensão de ser “como luz para a nações”. Entende-se aqui uma ideia seminal de universalidade da missão do servo que vai se desenvolvendo, paulatinamente, no decorrer da história até Jesus ser compreendido como Servo de Iahweh e “luz universal para todos” (LG 1).

do Templo⁴¹ e assegurar-se como povo do livro sagrado⁴². O segundo é ter uma nova postura de interrelacionamento com outros povos e culturas, pois a época é outra e, de qualquer forma, Israel teve de conviver com essa “inculturação”.

Neste sentido, a tarefa grande e difícil é missão recebida pelo Servo do Senhor Deus, Iahweh. Percebe-se isso nos três primeiros cânticos. Primeiro, quando se afirma a eleição do Servo feita por Deus para ser “luz”: “Eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42, 6b). Emerge o projeto da criação do livro Gênesis quando Deus criou a luz: “Deus disse: ‘Haja luz’ e houve a luz” (Gn 1, 3) assim como também retoma o sentido de vocação como a de Jeremias⁴³ quando seu escrito afirma: “Vê! Eu te constituo, hoje, sobre as nações e sobre os reinos” (Jr 1,10a). Segundo, uma aproximação maior com o ideário missionário jeremiano⁴⁴ quando se afirma da constituição do profeta para proclamar e agir na desconstrução da velha realidade e na construção de uma nova, tal seja, “para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar” (Jr 1, 10b). Assim, o Servo de Iahweh foi estabelecido para ser luz das nações: “eu também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (Is 49, 6b). E, por fim, a lei eclodirá do próprio Iahweh para ser a como luz das nações: “Porque de mim sairá uma lei, farei brilhar meu direito como luz entre os povos” (Is 51, 4b). Há tríplice correlação permanente entre eleição, missão e destino do servo. O Servo é um profeta mediador e carismático, implantará a justiça divina não por meio da força ou das armas, mas que possui o Espírito do Senhor. Exercerá seu propósito com suavidade e mansidão, por meio de ações não-violentas (Is 42, 1b-4).

2.4. Destino do Servo de Deus

O Servo de Iahweh tem um destino bem preciso. Ele é o eleito de Iahweh para uma missão única e singular, a de ser o mediador profético e carismático da restauração da Aliança. Ele é solidário⁴⁵ com o povo exilado e oprimido na

⁴¹ CROATTO, J. S. *Historia de la Salvación*. Santiago: San Pablo, 1995, p. 201.

⁴² *Ibid.*, p. 195.

⁴³ SCHWANTES, M. *Sofrimento e esperança no exílio*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 54.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 60.

⁴⁵ PEDRO, E. P. O Servo de Javé: uma nova liderança. *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, n. 238, p. 16, [set./out.] 2004. Veja-se também: RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 125-134.

abilônia. Sua solidariedade se manifesta em dois aspectos: No sofrimento como forma de expiação e na morte vicária pela salvação dos pecadores⁴⁶. Sua morte não é em vão, possui uma eficácia de expiação e por meio dela o Servo será glorificado⁴⁷ (Is 53,10). Todo o quarto poema é uma peça coerente sobre o destino do Servo, seu sofrimento e sua morte vicária. Viverá uma realidade marcada de sofrimento. Deus não está ausente nem no sofrimento nem na morte do servo, mesmo que pareça paradoxal.

2.4.1. Sofrimento Solidário

A ideia de um Deus solidário por compaixão com o sofrimento do outro bem como a solidariedade de uma pessoa pela dor alheia é típica da cultura semita⁴⁸. O Servo de Iahweh é paradigma de solidariedade com os sofredores, assumindo toda a consternação humana⁴⁹. As metáforas utilizadas querem manifestar o sofrimento de um inocente sofrendo injustamente pelo outro, como o cordeiro e a ovelha, ambos mudos, conduzidos ao matadouro (Is 53, 7); como condenado maldito, não pelos seus pecados, mas pelos pecados dos outros (Is 53, 9). Para expressar esta maldição e este desprezo total se diz: “ele era desprezado e evitado por todos, um homem sujeito ao sofrimento, curtido na dor, ao verem-no escondiam o rosto, desprezado, o tivemos por nada” (Is 53, 3). Essas expressões revelam a situação de sofrimento, humilhação, maldição e aniquilamento do Servo. Este tipo extremo de humilhação destrói a dignidade da pessoa e, aos olhos de quem ainda tem um mínimo de fé, pode provocar um temor sagrado à semelhança dos amigos de Jó ao verem-no tão desfigurado (Jó 2,12-13). Este temor sagrado⁵⁰ desperta uma compaixão e um sentimento de solidariedade; quem

⁴⁶ RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*, v.2, *op. cit.*, p. 248.

⁴⁷ SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I*, *op. cit.*, p. 340.

⁴⁸ METZ, J. B. Proposta de programa universal..., p. 353-364.

⁴⁹ MESTERS, C. *A missão do povo que sofre*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. Reflete tanto o sofrimento de Jesus como Servo de Deus, mas começa seu livro contando experiências de sofrimentos dos pobres e inocentes, de maneira injusta. Neste sentido, não se pode compreendê-lo senão de forma vicária. SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I*, *op. cit.*, p. 340-344.

⁵⁰ DUFOUR, X. L. (Org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*, *op. cit.*, p. 999ss. Crê-se ser necessário superar, muitas vezes, a compreensão de “temor” como medo do Deus transcendente, - terrível e implacável juiz - e passar a entender como respeito, aceitação e amor do Servo ao Deus misericordioso. Neste sentido, temor é um dom do Espírito Santo de Deus (Is 11, 2) necessário à santidade para a salvação.

vê a humilhação do Servo, põe-se no lugar dele se enchendo da misericórdia divina e mediante tal situação acontecerá a verdadeira conversão.

1.4.2. Morte Solidária

A morte vicária existe em muitas religiões arcaicas e também as de origens semitas não fogem desta realidade. Na tradição vétero-testamentária a história da morte sacrificial vicária do cordeiro vem dos tempos de Abraão, quando Deus lhe pede uma máxima prova de fidelidade exigindo o sacrifício de Isaac, o qual é trocado por um cordeiro (Gn 22, 1-12.13). Quando o povo estava para ser libertado da escravidão do Egito, ganha significado de refeição pascal, pois foi pela refeição, comendo um cordeiro que o povo fez a Páscoa (Ex 12, 1-13).

Em Israel havia sacrifícios vicários desde os seus primórdios (Lv 16–17). Dentre eles, havia os sacrifícios dos dois bodes. Era tirada sorte sobre qual seria sacrificado a Iahweh e qual seria enviado para o deserto levando os pecados do ofertante. Estes ritos expiatórios eram a conclusão de todos os outros sacrifícios e eram feitos uma vez por ano (Lv 16, 1-34). O resgate significava tanto o pagamento de uma quantia em dinheiro (Ex 30, 12s) como expiar mediante o oferecimento ou a morte de um substituto inocente como no caso do bode expiatório⁵¹. O ofertante, pecador, simbolicamente oferecia a vítima inocente a Iahweh em seu lugar. Antes do sacrifício, confessava suas iniquidades e delitos de mãos postas na cabeça do animal a ser ceifado. O mesmo se fazia com o bode expiatório a ser conduzido para o deserto, levando os pecados do povo (Lv 16, 21-22). O ritual⁵² do bode expiatório é assaz arcaico e descende dos antigos hebreus e cananeus. Esta prática religiosa entra em Israel e é difícil ser superada, entretanto, adquire uma nova perspectiva de purificação. Por isso, o Servo assume o destino da morte vicária e expiatória pelos crimes dos pecadores (Is 53, 8-11.12b).

2.4.3. Exaltação do Servo

Em todos os quatro poemas do Servo de Iahweh vê-se patente esta realidade de exaltação depois do rebaixamento. No primeiro canto, com sua

⁵¹ HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário...*, *op. cit.*, p.744.

⁵² Veja-se na Bíblia de Jerusalém. Português. São Paulo: Paulus, 2003. Levítico 14; 16, nota de rodapé letra “b” e “c”.

missão, o Servo conseguirá conquistar os exilados aviltados e os reconduzirá ao seio de sua Pátria. Esta é a exaltação dele, reconduzir o seu povo através da reconstrução da Aliança e sendo luz das nações. É a utopia realizada e por isso causa grande alegria (Is 42, 10-13). No segundo canto, também a partir de Is 49, 9-13 esta alegria se manifesta desde o convite para sair da terra do cativo e se espalha por todas as dimensões tanto no céu quanto na terra. É uma exultação universal de alegria pela vitória. No terceiro canto, ao se referir ao discurso do Servo-profeta em Is 51, 3, fala-se da transformação, a qual o Senhor faz transmutando os desertos em Jardins e as soledades em paraísos. E haverá festas de alegria e ação de graças ao som de instrumentos. Mais precisamente em Is 51, 8b, afirma ser sua vitória duradoura (para sempre) e sua salvação de geração em geração. Quer dizer: esta utopia realizada não se reduz ao momento, nem tampouco só a Israel, mas, a partir de Jerusalém, será restaurada em todas as suas dimensões religiosas e políticas, sendo luz para todas as nações. Eis por que nas gerações vindouras – quando se reconquistar Jerusalém e houver restaurado toda a aliança de Deus com seu povo – haverá a instauração dos tempos escatológicos. Por fim, no último canto do Servo de Iahweh, aparece mais uma realidade pascal de morte/vitória. Não é possível separar essas realidades em nenhum versículo. Iahweh apresenta seu Servo: “Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas” (Is 52,13). Deus, ao apresentá-lo, já afirma que ele vencerá e será grande! Mas, depois de tanto sofrimento, viverá essa realidade pascal (Is 53,10ss). Em todos esses versículos se fala de sofrimento; porém, paradoxalmente, no futuro haverá triunfo sem sofrimento. É a utopia dos tempos escatológicos⁵³ realizada por meio do Servo. Quando se fala dos sofrimentos e de sua morte, os verbos estão no passado, embora quando se fala de sua exaltação, os verbos estão no futuro para mostrar sua vitória e sua glorificação⁵⁴.

Como se dará essa glorificação? Em primeiro lugar, a glorificação acontecerá com a atuação do Servo para transformar o estado das coisas. Afirma-se: “as primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas” (Is 42, 9a). Entenda-se esse novo estado das coisas como o novo “*éon*”, nova realidade, nova criação pela ação do Espírito (Ez 37). Já no quarto poema, de forma mais

⁵³ SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I, op. cit.*, p. 332.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 343-344.

evidente, essa glorificação, dar-se-á porque o Servo se entregará por uma compaixão solidária⁵⁵. Eis o texto:

Eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava (Is 53, 4a); [...] O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados” (Is 53, 5b); [...] Na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão (Is 53, 12c), por isso terá êxito e será grande (Is 52,13), alcançará a vitória” (Is 53, 10b-11). Pela sua morte como expiação triunfará o desígnio de Deus e pelos trabalhos suportados, verá a luz, reabilitará a todos e terá uma porção entre os grandes e poderosos (Is 53, 11-12).

Aqui aparece uma ideia nova sobre o sofrimento e a morte vicária: Iahweh triunfará através do projeto de solidariedade que vem substituir o sacrifício de expiação⁵⁶. Até aquele momento os sacrifícios eram realizados pela religião oficial e eram puramente ritualísticos para cumprir uma prescrição legal, quando um pecador atingia a Deus, (Lv 4-5; 7; 14), ofereciam-se-lhe sacrifícios de expiação pelos pecados. Segundo o exegeta Gerard von Rad, são introduzidos em Israel pelos Sacerdotes, num contexto de quebra da Aliança, mais precisamente no tempo da monarquia. Os sacrifícios eram para corrigir as falhas ou os erros cometidos contra a Aliança e, portanto, contra Deus. Tinham um contexto muito mais ético-moral do que ontológico. Segundo o autor citado: “O pecado era uma falta contra a ordem sagrada, um ato incontestável que, quando perpetrado, surgia como uma ofensa imediata feita a Deus e a seu direito soberano⁵⁷”. Corrigiam-se erros pela “lei” nunca pela misericórdia divina. Com essa ideia nova da solidariedade, o Servo supera as realidades antigas dos sacrifícios e instaura uma realidade nova, a qual servirá para todos de paradigma de seguimento para os reabilitados praticarem o direito e a justiça de Deus, instaurando assim uma nova realidade inenarrável e inaudita (Is 52,15b). Essa realidade nova, a solidariedade com os pecadores, faz parte de sua glorificação. As pessoas ao verem o Servo ser solidário, também as serão entre si e espalhar-se-á a solidariedade como “luz das nações” (Is 42, 6). Nisto se constituiria a Nova e eterna Aliança de Iahweh com seu povo e vice-versa. Quando se interpreta o Servo como indivíduo em correlação com o povo, formando uma interpretação mista com fins

⁵⁵ SOBRINO, J. *Princípio Misericórdia*, op. cit., p. 83ss.

⁵⁶ PEDRO, E. P. O Servo de Javé, op. cit., n. 238, p. 16, [set./out.] 2004.

⁵⁷ RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. V.1. São Paulo: ASTE, 1973, p. 258-266.

messiânicos⁵⁸, pode-se perceber que não só o Servo individualmente será exaltado, mas, também, o povo terá a glória por que compartilha da vocação, da missão e do destino do Servo. Como duas faces de uma mesma moeda em movimento estão o Servo e o seu povo formando uma realidade nova. Esta emersa pela ação do servo e do seu povo pode ser considerada messiânica. A partir da instauração desse novo tempo messiânico⁵⁹, novo povo surgirá com nova realidade, pois, as “coisas velhas” passaram e nasceram “coisas novas” (Is 42, 9).

Em segundo lugar, a glorificação se dará numa dimensão temporal, quando se percebe a tensão entre o presente e futuro: “antes que elas (coisas novas) surjam, eu vo-las anuncio”(Is 42,9b).Aqui começa claramente a pregação da utopia dos tempos messiânicos, mais precisamente a ideia implícita do “Reino de Deus na história”. A glorificação começaria na forma de esperança de instauração de uma Aliança Nova e eterna (Jr 31, 31) mediante uma intervenção divina na criação e na história, fazendo-as transformarem-se da velha realidade em nova, de um velho tempo em tempos novos, passando a se chamar novo “*éon*”⁶⁰.O fim do mundo antigo (velho *éon*) e a vinda do mundo novo (novo *éon*) criado em Jesus por Deus. É a pregação da utopia do Reinado de Deus. Nova criação, novo jardim do éden, nova Jerusalém, novo céu e nova terra (Ap 21), fim de uma época histórica formando uma nova família de Deus a partir da ressurreição de Jesus⁶¹.

2.5. Conclusão

Concluindo este primeiro capítulo da primeira parte desta tese, tendo como base a Teologia dos poemas do Servo de Deus no livro do Dêutero-Isaías, acredita-se ter chegado ao objetivo do estudo proposto de conhecer a *eleição, a missão e o destino*.

Estas dimensões constituem as nervuras da Teologia do Servo justo e sofredor como se analisou acima. Eleição quer dizer chamamento, escolha, vocação. Eleição tanto para uma pessoa como para um povo. O Servo é eleito por Deus para libertar Israel do cativo babilônico e reconduzi-lo à sua terra. Daí

⁵⁸ SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I, op. cit.*, p. 278-279.

⁵⁹ RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento, v.1, op. cit.*, p. 238.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 238.

⁶¹ BLANK, R. *Escatologia do mundo: O projeto cósmico de Deus*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 296ss.

nascer a missão do Servo de ser o *Go'el* pela misericórdia e justiça para fazer uma nova Aliança baseada no direito e na justiça divinos. Para isso, Ele precisa reunir todos os filhos de Israel dispersos no exílio e despertar-lhes a fé e esperança em Iahweh quase extintas num povo cansado por uma ausência da presença divina considerada como pedagógica. Horizontes se rasgam na pregação do profeta anônimo discípulo de Isaías. O Servo de Deus será “luz das nações” estabelecendo direito e justiça não pela força das guerras, mas pela força da presença do Espírito do Senhor exercendo sua missão com suavidade e mansidão da Palavra misericordiosa de Deus, provocando uma verdadeira mudança por meio de ações de paz. Isto deve acontecer no povo por meio da pregação do profeta-servo de Deus. Ele é um carismático e mediador com uma missão bem precisa e, por isso, terá, conseqüentemente, o destino de assumir com o povo sua história para chegar à vitória. Seu destino possui duas dimensões, uma histórica e outra transcendente. A histórica é a solidariedade com o sofrimento do seu povo a ele confiado por Deus carregando solidariamente o sofrer e a morte do povo de Deus como se vê claramente no quarto poema do Servo justo e sofredor no Dêutero-Isaías: “Eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Mas ele oferece a sua vida como sacrifício pelo pecado”. (Is 53, 4.10). Por isso, o Servo assume esta dimensão de destino da morte vicária e expiatória pelos crimes dos pecadores (Is 53, 8-11.12b). A dimensão transcendente do Servo de Deus em Isaías é a da exaltação depois desse rebaixamento. O Servo chegará à glorificação por que passou por todos esses sofrimentos e morte em lugar dos outros. Uma vitória histórica porque leva o povo à uma libertação do cativo e à uma reconstrução de sua pátria e projeção de uma nova Aliança (Jr 31, 31). O próprio texto afirma categorialmente: “Após trabalho fatigante da sua alma, ele verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo justificará a muitos, e levará sobre si as suas transgressões. Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões” (Is 53, 11-12).

Assim, com essa glorificação dar-se-á um novo tempo com uma nova Aliança na nova criação: “As primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas; antes que elas surjam, eu vo-las anuncio”. (Is 42, 9). Com este capítulo, tem-se as bases fundamentais do Antigo Testamento para a Teologia da vocação, da missão e da soteriologia vida do Messias.